

## A APROPRIAÇÃO DO SISTEMA NOTACIONAL ALFABÉTICO POR CRIANÇAS DA EMEB SILVA FREIRE: um processo de escuta e interação<sup>1</sup>.

Rosa Maria de Albuquerque<sup>2</sup>

Rosimeire Cristina da Silva<sup>3</sup>

Larissa Silva Freire Spinelli<sup>4</sup>

Iury Lara Alves<sup>5</sup>

### Resumo

O presente artigo se propõe a investigar como se dá a apropriação Do Sistema notacional alfabético (SNA) e da leitura e os desafios do professor no processo de ensino aprendizagem na EMEB Silva Freire, localizada no município de Cuiabá, Mato Grosso. Com base em pesquisa bibliográfica e um estudo de caso que constitui a natureza metodológica de abordagem do tema. A pesquisa está ancorada teoricamente em Ferreiro e Teberosky, Morais, Villas, Magda Soares. Os resultados levaram a constatação de que a apropriação da escrita e da leitura no processo de alfabetização, está na junção da teoria e da prática. A compreensão da importância de alfabetizar na idade certa, de se alfabetizar letrando e das várias possibilidades de ensinar, de como devemos ver os erros dos alunos como construtivos no seu processo de aprendizagem, nos remeteu a uma visão mais ampla das fases pelas quais a criança passa nesse processo. Foi possível refletir que alfabetizar torna-se um enorme desafio, tanto para os educandos quanto para os educadores, e que esse processo ocorre na EMEB Silva Freire de forma significativa, partindo do interesse dos alunos e possibilitando um ensino aprendizagem que considera a criança na sua pluralidade.

**Palavras-chave:** Sistema Notacional Alfabético (SNA). Letramento. Ensino aprendizagem.

### Abstract

This article aims to investigate how the appropriation of the alphabetical notational system (SNA) and the reading and the challenges of the teacher in the learning teaching process at EMEB Silva Freire, located in the municipality of Cuiabá, Mato Grosso. Based on bibliographic research and a case study that constitutes the methodological nature of the theme approach. The research is theoretically anchored in Blacksmith and Teberosky, Morais, Villas, Magda Soares. The results led to the realization that the appropriation of writing and reading in the literacy process is at the junction of theory and practice. Understanding the importance of literacy at the right age, literacy literacy and the various possibilities of teaching, how we should see students' mistakes as constructive in their learning process, led us to a broader view of the phases the child goes through in this process. It was possible to reflect that literacy becomes a huge challenge for both the, and that this process takes place in THE EMEB Silva Freire in a significant way, starting from the interest of the students and enabling a teaching learning that considers the child in its plurality.

**Keywords:** Alphabetical Notactic System (SNA). Literacy. I teach learning.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia apresentado como requisito parcial para obtenção de grau em Licenciatura do curso de Pedagogia do UNIVAG - Centro Universitário Várzea Grande.

<sup>2</sup> Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia do UNIVAG – Centro Universitário de Várzea Grande.

<sup>3</sup> Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia do Univag – Centro Universitário de Várzea Grande.

<sup>4</sup> Doutora em Estudos Interdisciplinares de Cultura pela Universidade Federal de Mato Grosso. Docente do Centro Universitário de Várzea Grande – Univag. Orientadora.

<sup>5</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Docente do UNIVAG – Centro Universitário de Várzea Grande. Co-orientadora.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende tratar da alfabetização inicial e os desafios do professor no processo de ensino-aprendizagem. Com base em Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Piaget, entre outros autores, analisaremos o processo de apropriação da escrita alfabética no ensino aprendizagem de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental da EMEB Silva Freire, de modo a compreender como esses processos são feitos e como o professor lida com cada um deles.

O processo de alfabetização quando concluído com sucesso os indivíduos passam a ter o Sistema de escrita Alfabética (SEA), como “[...] uma apropriação, ressalta-se que o objeto cultural, alfabeto, passa a ser algo interno, disponível na mente do aprendiz que o reconstruiu.” (MORAES, 2012, p.01). Deste modo a alfabetização deve partir do trabalho com objetos significativos para o aluno contextualizando os conteúdos com as experiências. Fica entendido que a língua escrita tem significado na sua realidade e devem ser feitas propostas de experiências com esse constructo cultural desde a educação infantil, através de estímulos, visto que a criança já mantém contato com o mundo da leitura e da escrita antes mesmo de entrar no contexto escolar, onde esse aprendizado é intensificado nos primeiros anos do ensino fundamental I.

Conforme a revisão de literatura sobre o tema, a educação é marcada por uma história de baixo rendimento escolar como pudemos ver nos dados da Avaliação (ANA), 2013 e 2014 como podemos ver em nota de rodapé<sup>6</sup>. Diante desta constatação nasce à necessidade de se saber como se dá a origem do pensamento da escrita na criança. Esse pensamento é o que a criança pressupõe que seja a escrita, são as hipóteses levantadas por elas no processo de apropriação da escrita.

A pesquisa realizada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky intitulada *Psicogênese da Língua Escrita* (1998) indaga o fracasso escolar e busca compreender como eram elaborados os pensamentos resultando em uma nova perspectiva de como a

---

<sup>6</sup> Onde segundo o INEP em 2013, 2.258.642 dos 2.617.867 alunos matriculados no terceiro ano, de 55.781 escolas públicas, participaram da ANA. A prova foi realizada em um único dia e os alunos foram divididos, onde 1.131.566 responderam ao teste de leitura, 1.127.076 ao teste de Matemática e todos fizeram a prova de escrita. Na prova de leitura, constatou que a maior parte dos estudantes atingiu os níveis 2 (33%) e 3 (33%), seguidos pelo nível 1 (24%) e 4 (10%). Sendo que os dados da prova de escrita não foram divulgados. Em 2014, os testes foram aplicados em dois dias consecutivos, foram cadastrados 2.491.654 estudantes, e 49.664 escolas, onde 2.141.161 responderam às questões de leitura e escrita, e 2.201.702 de Matemática. Na prova de leitura, nesse ano evidenciou que a maior parte dos alunos está no nível 2 (34%), seguido pelo nível 3 (33%), 1 (22%) e 4 (11%) na prova de escrita, a maior parte dos estudantes atingiram o nível 4 (56%).

criança se apropria da escrita e qual a solução para que esse conhecimento fosse significativo, resolvendo o problema do fracasso escolar, em especial, a alfabetização. Em síntese, a pesquisa aponta que o pensamento é social e através da linguagem, ou seja, da interação ocorre a internalização do conhecimento, logo o professor tem o desafio de ensinar e o aluno o de aprender, pressupondo que a solução seria a alfabetização na perspectiva do letramento.

Considerando a importância da alfabetização para a sociedade, levanta-se a seguinte problemática: Quais são os maiores desafios do professor para mediar o ensino aprendizagem da apropriação da escrita alfabética. A relevância deste estudo encontra-se ao buscar compreender os percursos da alfabetização, o desenvolvimento do processo cognitivo e gradual percorrido pela criança para aprender sobre a escrita e, ressaltar como são estruturados os desafios do professor alfabetizador.

O objetivo geral se estabelece por meio da seguinte sentença: Compreender o processo que envolve a apropriação do sistema notacional alfabético e os desafios do professor no processo de ensino aprendizagem de crianças no ensino fundamental – anos iniciais da EMEB Silva Freire. Assim como os objetivos específicos: reconhecer a escrita como um sistema notacional; identificar os métodos referente a alfabetização; identificar a alfabetização na perspectiva do letramento; analisar a teoria da psicogênese; identificar o erro como processo de aprendizagem, analisar dados da entrevista.

A metodologia fundamenta-se em pesquisas bibliográficas. Explorando artigos disponibilizados nos sites: Scielo; Unisalesiano; Educere; Pomerode; e em livros da biblioteca Silva Freire localizada no UNIVAG - Centro Universitário de Várzea Grande. Segundo GIL o levantamento bibliográfico serve para

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência. Em função de sua forma de utilização, podem ser classificados como de leitura corrente ou de referência. (GIL, 2002, P. 45)

E em estudo de caso que segundo GIL [...] que consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, (GIL, 2008, p.28). Que foi realizado por meio de entrevista via e-mail com a coordenadora pedagógica da EMEB Silva Freire.

O artigo está estruturado em seis tópicos. No primeiro tópico intitulado “A escrita como sistema notacional,” aponta a escrita como sistema notacional e não um

código, pois o aluno precisará compreender como ela funciona e aprender as especificidades para o seu aprendizado. No segundo tópico “Os métodos referentes à alfabetização” aos quais os educadores se apoiaram para auxiliar no processo de alfabetização. O terceiro tópico aborda “A alfabetização na perspectiva do letramento”. O quarto discorre sobre “Psicogênese da língua escrita” que reflete uma nova ótica pedagógica, baseada na pesquisa de Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Como quinto tópico tem-se “O erro” como um processo de aprendizagem” relatando que os erros não devem ser temidos, mas visto como construtivos no processo gradativo da compreensão do sistema de leitura”. Por fim, o último tópico consiste na análise de dados da entrevista feita com uma coordenadora pedagógica visando melhor entendimento de como esse processo ocorre em sala de aula.

## **1. A ESCRITA COMO SISTEMA NOTACIONAL ALFABÉTICO (SNA)**

Nesta pesquisa a **escrita será vista como um sistema notacional e não um código**. Embasamos em Morais (2012) nossa concepção de escrita, pois quando se fala em escrita alfabética se deve pensar que recebemos um sistema notacional e não como um código, pois para aprender um código deve-se decorar ou memorizar novos símbolos que possam substituir outros símbolos, já aprendido. Foram inventados importantes sistemas notacionais pela humanidade como de numeração decimal e a escrita alfabética, sendo que a escrita alfabética é a representação da fala, que foi inventada depois de outros sistemas de escrita como os ideográficos, silábico, e para que ocorra a apropriação desse conhecimento o aprendiz deve compreender como ela funciona e aprender as convenções necessárias para o ensino aprendizagem. Conforme cita

A humanidade inventou importantes sistemas notacionais, como a numeração decimal e a escrita alfabética. Esta última é uma econômica e complexa representação da fala, só inventada depois que foram criados outros sistemas de escrita (ideográficos, silábicos). Para poder se apropriar do SEA, o aprendiz precisará compreender como ele funciona e aprender suas convenções. (MORAIS, 2012, p. 01).

Trazemos aqui as discussões feitas na formação de professores ocorridas no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) que

é um compromisso formal e solidário assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, e dos Municípios desde 2012, para atender a Meta 5 do plano Nacional da Educação (PNE), que estabelece obrigatoriedade de

alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental. (BRASIL, 2017, p. 3).

Neste programa de formação continuada regida pelo governo federal, assim como, nos documentos oficiais que regem a Educação Básica o ciclo da alfabetização é composto por três anos, porém é importante que cada ano tenha metas específicas, para que, ao final do terceiro ano, o processo de alfabetização esteja consolidado. Assim, entendemos que, no primeiro ano, as crianças devem se apropriar de conhecimentos cognitivos linguísticos específicos e assim no segundo e terceiro anos possam ser dedicados ao processo de consolidação da alfabetização, ou seja, no primeiro ano a criança deverá estar no nível alfabético e sair do terceiro ano alfabetizada.

Estar alfabetizado significa ser capaz de interagir por meio de textos escritos em diferentes situações. Significa ler e produzir textos para atender a diferentes propósitos. A criança alfabetizada compreende o sistema alfabético de escrita, sendo capaz de ler e escrever, com autonomia, textos de circulação social que tratem de temáticas familiares ao aprendiz (BRASIL, 2013, p.17, apud, CAMPELO, 2015, p. 192).

No entanto, conforme os estudos da psicogênese da língua escrita ao analisar as escritas dos alfabetizandos devem considerar a sua totalidade do processo, que implica “[...] as intenções, os comentários e alterações introduzidos durante a própria escrita e a interpretação que o ‘autor’ (a criança) fornece para sua construção, quando terminada” (FERREIRO, 1995, p.25)

Diante disso, no caderno 3<sup>7</sup> do PNAIC (2012) podemos perceber os conhecimentos linguísticos necessários para serem trabalhados com as crianças do primeiro ano sugerido por Ferreiro (1985)

para aprender como o SEA funciona, a criança vive um sério trabalho conceitual, no qual vai ter que desvendar duas grandes questões:

-O que é que as letras notam (isto é, registram)? Característica dos objetos que a palavra substitui (o tamanho, a forma, etc.) ou a sequência de partes sonoras da palavra?

-Como as letras criam notações (ou palavras escritas)? Colocando letras em função do tamanho ou de outras características do objeto que a palavra designa? Colocando letras conforme os pedaços sonoros da palavra que pronunciamos? Neste caso, colocando uma letra para cada sílaba oral ou colocando letras para os sons pequeninhos que formam as sílabas orais? (BRASIL; PNAIC, 2012, p. 10).

---

<sup>7</sup> O caderno 3 é intitulado: “Apropriação do sistema de escrita alfabética e a consolidação do processo de alfabetização em escolas do campo”. Disponível em: [http://www.piraquara.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/uploadAddress/Unidade\\_03\\_Ano\\_01\\_\[3634\].pdf](http://www.piraquara.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/uploadAddress/Unidade_03_Ano_01_[3634].pdf).

Dessa forma compreende-se que o sistema de escrita é notacional e não um código visto que as crianças levantam hipóteses do que seja a escrita, o que indica que elas se desenvolvem de forma geral no processo de construção da escrita, elaboradas por elas e que foram registradas, por Ferreiro e Teberosky (1999). Esses conhecimentos devem ser referências para todo professor, em especial, o professor alfabetizador, desta forma, Leal e Morais (2010) e Morais (2012) pensaram em uma lista das propriedades do SEA que o aprendiz tem que reconstruir em sua mente e que foi apresentada em suas pesquisas e no caderno 3 (2012) do PNAIC.

Entendemos que se compreendermos quanto professores tais propriedades e estas estiverem claras nas atividades propostas, sendo elas desafiadoras para as crianças certamente serão alfabetizadas. Segue a lista com os 10 aspectos:

1) Escreve-se com letras, que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos. 2) As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças na identidade das mesmas (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p). 3) A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada. 4) Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras. 5) Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras. 6) As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem. 7) As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos. 8) As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra. 9) Além de letras, na escrita de palavras, usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem. 10) As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal. (BRASIL; PNAIC, 2012, p. 11).

Compreendemos assim que esses aspectos citados acima auxiliam no processo ensino aprendizagem da escrita, a partir do momento **que o professor toma consciência** de que seguir esses passos são importantes, pois auxiliam na reflexão do aluno, daquilo que ele está apreendendo.

## **2. OS MÉTODOS REFERENTES Á ALFABETIZAÇÃO.**

Em busca de métodos que auxiliassem no processo de alfabetização, profissionais da educação em princípio se apoiaram em métodos denominados sintéticos, analíticos e mistos, alguns teóricos afirmam que estes métodos pouco

contribuíram para a aprendizagem da língua escrita. Em princípio se basearam nos métodos sintéticos, a aprendizagem parte dos elementos mínimos num processo que consiste em ir das partes ao todo: da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras), e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas, como relata Morais (2012)

Por trás dos métodos alfabéticos (“B com A, B<sup>Á</sup>”, “B com E, B<sup>É</sup>” etc.) existe a crença de que o aprendiz já compreenderia que as letras substituem sons e que, memorizando “casadamente” os nomes das letras, ele poderia ler sílabas. Depois de aprender muitas sílabas, o principiante veria que, juntas, elas formariam palavras e... um dia ele leria textos (MORAIS, 2012, p. 29).

O que levaria o aluno a memorizar as letras do alfabeto, passando por um longo período de leituras de sílabas, a criança aprende que a junção forma uma palavra. A partir desse momento, é introduzida à leitura de sentenças curtas e, somente em um momento posterior, há o contato com pequenos textos, tornando o processo de ensino aprendido, exaustivo para o aprendiz.

[...] propõem que, por razões de tipo perceptivo e motivacional, seria adequado começar com unidades maiores, que “têm significado” (palavras, frases, histórias), e, pouco a pouco, levar os alunos a analisá-las, isto é, a “parti-las em pedaços menores” (MORAIS, 2012, p. 29).

Também temos os métodos analíticos que se iniciam com unidades maiores e posteriormente estas unidades são fragmentadas.

De acordo com esse método analítico, o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo”, para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas. No entanto, diferentes se foram tornando os modos de processuação do método, dependendo do que seus defensores consideravam o “todo”: a palavra, ou a sentença, ou a "historieta". (MORTATTI, 2006, p. 7).

Este método assim como o sintético priorizava o professor como o centro do conhecimento da aprendizagem da escrita e da leitura, porém os professores adeptos deste método acreditavam que a partir do trabalho com unidades maiores que tivessem um “sentido” trariam um envolvimento mais ativo da criança com o objeto de ensino. Porém para que tivesse sentido esse objeto deveria ser aderido do seu contexto social assim vale ponderar que este “sentido” carecia de temas reais, e não de textos sem sentido, deve ser extraído de um contexto real e significativo para os aprendizes.

Segundo os estudos de Morais

os métodos analíticos, [...] propõem que, por razões de tipo perceptivo e motivacional, seria adequado começar com unidades maiores, que “têm significado” (palavras, frases, histórias), e, pouco a pouco, levar os alunos a analisá-las, isto é, a “parti-las em pedaços menores” (LUNA E SILVA, 2013, p. 23 apud MORAIS, 2012, p. 29)

Não podemos deixar de também relatar os métodos mistos ou ecléticos que consistia na junção dos métodos, sintético e analítico, onde os professores adeptos do método analítico ora o utilizava o sintético e ora utilizava o analítico, enfatizava o uso simultâneo de ambas, as quais eram entendidas como habilidades visuais, auditivas e motoras, que consistiam em exercícios de discriminação e coordenação viso-motora e auditivo-motora, posição de corpos membros, dentre outros. Entretanto ao analisar a história dos métodos constata-se que esses métodos geravam um aprendizado pouco satisfatório, visto que os aprendizes eram postos pelos professores a um conhecimento limitado de repetições e memorizações de conteúdo didático, ou seja, pouco reflexivo.

Como conseguinte trazemos o relato de Mortatti

[...] é preciso conhecer aquilo que constitui e já constituiu os modos de pensar, sentir, querer e agir de gerações de professores alfabetizadores (mas não apenas), especialmente para compreendermos o que desse passado insiste em permanecer. Pois é justamente nas permanências, especialmente as silenciadas ou silenciosas, [...] (2006, p. 15).

Alguns profissionais ainda pensam em alfabetizar por esses métodos, acreditam que pode ocorrer o aprendizado, e talvez possa, mas sugerimos aqui algumas perguntas que possam contribuir para a reflexão antes das escolhas por estas metodologias: Será um aprendizado significativo? O aluno participou da construção do conhecimento?

Diante Disso, trazemos a concepção de um processo mais interacionista, ou seja, É necessário que se pense na língua como um todo, e não por palavras soltas, esse processo deve englobar, todos os aspectos necessários para a aquisição do conhecimento, e principalmente que a criança participe ativamente desse processo. Sabemos pelas pesquisas desenvolvidas por Teberosky e Ferreiro (1999) que a aquisição de conhecimento acontece na interrelação, sujeito e objeto.

O sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito o qual espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 29).

Para Ferreiro e Teberosky (1984), assim como para outros pesquisadores (REGO, 1988), é interagindo com a escrita, contemplando seus usos e funções, que as crianças se apropriariam da escrita alfabética, e não a partir da leitura de textos forjados como os presentes em diferentes cartilhas de alfabetização.



### 3. A ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

Atualmente muito se tem falado da necessidade de se alfabetizar na perspectiva do letramento, tendo como foco nomear práticas sociais de leitura e escrita mais avançadas e complexas que as práticas de ler e escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita.

No Brasil o termo Letramento surgiu por cerca de 1980 frente a demanda de mudanças que ocorreu na educação e das novas percepções das várias maneiras de ler e escrever, de pensar e de agir, tendo como partida que essas práticas são interligadas às questões familiares, políticas e da sociedade. É relevante ressaltar que no Brasil, esse movimento se deu a partir de se constatar a necessidade de habilidades para o uso competentes de leitura e da escrita que partiram do questionamento do conceito de alfabetização. Segundo Magda Soares

Dissociar a alfabetização do letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicolinguísticas da leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita- a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento.(SOARES, 2004, p. 10).

Tendo como base o pensamento de Soares é possível perceber o porquê que o sistema educacional se viu diante da necessidade de adotar tal termo, estamos inseridos em uma sociedade que está em constante movimento, que se transforma a cada dia, uma nova realidade e uma nova necessidade nascem, não bastando mais apenas codificar ou decodificar, mas sim atender as novas condições de leitura e de escrita que atenda a esse novo contexto histórico ao qual a sociedade está inserida.

Assim é relevante que essa proposta seja desenvolvida em sala de aula, garantindo a todos os alunos uma aprendizagem significativa e satisfatória e que atenda a todos de forma distinta para que possam desenvolver a escrita e a leitura, com as mesmas prioridades e de acordo com as suas necessidades, para isso se faz necessário o uso de metodologias que atenda a essa nova demanda educacional, para que assim não só saibam ler e escrever, mas possam se envolver nas práticas sociais.

Traremos aqui para ampliar a nossa discussão sobre a importância de se alfabetizar letrando os dados da Avaliação (ANA), 2013 e 2014, ampliando a nossa discussão sobre a importância de se alfabetizar letrando. Como já citamos na introdução e em nota de rodapé na página 2 a prova ANA trazemos aqui esses dados para a nossa

discussão, que se constatou um baixo rendimento das crianças em Língua Portuguesa e escrita, desta forma, levaram o Ministério da Educação a promover mudanças incrementais no PNAIC em 2016. Tendo como objetivo que as crianças de 8 anos de idade, saibam ler e escrever, interpretar e ter domínio da matemática básica.

A visão de futuro do PNAIC estava pautada na autonomia da gestão nas escolas e nas redes públicas, na progressiva autonomia dos educadores para resolver os desafios da sala de aula e para buscar seu próprio desenvolvimento profissional; no desenvolvimento das instituições formadoras com as escolas da rede pública; no trabalho colaborativo comprometido com os direitos de aprendizagem das crianças; na compreensão da alfabetização como base para a equidade, a inclusão e igualdade de oportunidades educativas. A partir dessas premissas, podemos perceber que alfabetizar sem letrar pode comprometer a alfabetização reflexiva da criança, com base nessa perspectiva nota-se que é fundamental que o processo de letramento ocorra de forma integral, pois letrar é um ato social, e assim sendo é cultural. O objetivo de uma educação na perspectiva do letramento pressupõe uma aprendizagem significativa que envolve conceitos, experiências e o sujeito na sua totalidade.

#### **4. A TEORIA DA PSICOGÊNESE**

Neste tópico apresentaremos A Psicogênese da Língua Escrita, de Ferreiro e Teberosky onde relatam sua pesquisa sobre o desenvolvimento da leitura-escrita. A estrutura teórico-metodológica é fornecida pelo construtivismo de Piaget preconizando: a criança ativa constrói seu conhecimento na interação com o meio.

A teoria da psicogênese da escrita colabora para a compreensão da SNA, se dá em etapas/níveis pelas quais as crianças percorrem durante o processo de alfabetização. Ferreiro e Teberosky (1999) contrapõem os métodos tradicionais de ensino de leitura, sintéticos, analíticos e mistos que compreendem que o ensino da leitura não deve ser um processo de repetição, reforço, imitação onde a criança se torna um espectador passivo ou mero receptor mecânico, não participam do processo de construção do conhecimento, desconsiderando a competência linguística da criança e suas capacidades cognitivas que são dois campos que alicerçam a psicogênese da língua escrita, que compreendem uma visão totalmente diferente, segundo as autoras:

No lugar de uma criança que espera passivamente o reforço externo de uma resposta produzida pouco menos que ao acaso, aparece uma criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua

volta, e que, tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática (que não é simples cópia deformada do modelo adulto, mas sim criação original). [...], aparece uma criança que reconstrói por si mesma a linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe provê o meio. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 24).

Assim sendo, a Alfabetização está atrelada ao letramento, como já afirmamos acima, compreende-se que a psicogênese da língua escrita, considera os aspectos próprios da aprendizagem no desenvolvimento social e cognitivo da criança em relação à escrita e a leitura, entendendo que o ato de escrever ocorre de maneira particular e interna, onde se transcreve o que se sente, o que escuta o que supõe ser a escrita, as hipóteses, são as compreensões que são elaboradas pelas crianças desde a tenra idade. Tendo como base à pesquisa das autoras, e sabendo que as crianças tem um pensamento diferente do adulto com relação à escrita, levantando suposições do que seja a escrita até chegar a fase Alfabética, e consolidar o processo de alfabetização. Dessa forma explicitaremos mais afundo a evolução da escrita pelos quais a criança passa.

O primeiro Nível é denominado Pré Silábico, sem valor sonoro.

Onde a criança não atribui valor sonoro, é entendido por elas pelas garatujas, desenhos, onde elas não conseguem diferenciar a escrita do desenho, elas podem associar a escrita ao tamanho do objeto, a leitura nesta fase é sempre global, e geralmente a criança passa o dedo simbolizando que está lendo o que está escrito, conforme citado por Ferreiro (1999, p. 193)

Neste nível escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica dela. A intenção subjetiva do escritor conta mais do que as diferenças objetivas do resultado, todas as escritas se assemelham entre si e são compostos de linhas e curvas e respostas e combinações entre ambas. Se a escrita for cursiva as linhas e formas serão semelhantes a ondulações, ou seja, apenas quem escreveu sabe o que significa, e elas ainda não sabe distinguir desenho e escrita, e podem aparecer tentativas de correspondência figurativa entre sua escrita e o objeto referido em seus registros, costumam relacionar a escrita dos nomes proporcional à idade ou tamanho da pessoa, do animal ou objeto a que se refere.

Quanto ao modelo de escrita se evidencia duas hipóteses de base sob as quais trabalha a criança, e acerca de sua importância ressalta que as grafias são variadas e quantidade de grafias é constante e que neste nível aparenta que as crianças trabalham sob a hipótese de faltar caracteres, mas sempre o mesmo quando devem escrever algo, independe se esse algo é uma palavra ou uma oração inteira.

A próxima fase é chamada de Nível II- Silábica sem valor sonoro. Nesta fase a criança já consegue atribuir significados diferentes e relaciona a escrita com imagens, começa se desligar da leitura global, pois já reconhece algumas letras. Segundo Ferreiro e Teberosky

A hipótese central deste nível é que para poder ler coisas diferentes (atribuir significados diferentes) deve haver uma diferença objetiva nas escritas, o progresso gráfico mais evidente, e que a forma dos grafismos é mais definida fica mais próxima à das letras mas porém segue trabalhando com a hipótese de faltar caracteres para escrever algo e com a hipótese das variedades nos grafismos, a disponibilidade de formas gráficas é muito limitada, e a forma de responder a todas as exigências consiste em utilizar a ordem linear. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 202).

A partir dessa afirmação nesta fase a criança vai tentando resolver os problemas que a escrita lhe apresenta, necessariamente, problemas gerais e de classificação e ordenação. Onde elas irão adquirir formas fixas de escrita, utilizando letras de seu próprio nome, ou letras já conhecidas por elas, aprendidas em seu contexto social.

Nível III - Silábica com valor Sonoro: Nesta fase a criança apresenta a tentativa de dar valor sonoro a cada letra que compõe a escrita, e nessa tentativa que a criança passa por um período da maior importância evolutiva, agora cada letra corresponde a uma sílaba, onde as autoras denominam Hipótese Silábica e que a criança alcança um nível mais elevado aos níveis anteriores. As crianças então compreendem que, as diferenças nas representações da escrita estão relacionadas ao “som” das palavras o que as leva a sentir a necessidade de relacionar a cada caractere para cada som. Essa mudança qualitativa consiste em superar a etapa de uma correspondência global de forma escrita e a expressão oral atribuída, para passar a uma correspondência entre partes do texto, pela primeira vez então a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala.

[...] está caracterizado pela tentativa de dar valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Nesta tentativa a criança passa por um período da maior importância evolutiva: cada letra vale por uma sílaba (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p.2).

Nessa hipótese ainda pode aparecer grafias ainda distantes das formas das letras como grafias bem diferenciadas, sendo que no último caso pode ou não ser utilizadas com um valor sonoro estável. As hipóteses anteriores como a leitura do próprio nome e a coexistência de formas fixas de escrita, se torna fonte de conflito, para fase posterior, visto que nesta fase duas das características da fase anterior podem desaparecer, sendo

elas: as exigências de quantidade mínima de caracteres, porém quando já estiver bem instalada a hipótese silábica, a exigência de variedade reaparece.

Nível IV - Silábica Alfabética esta e a fase de maior conflito onde a criança, está fazendo a passagem da Hipótese Silábica para a Alfabética.

[...] é neste momento que a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá mais além da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência da quantidade mínimas de granas (exigências interna da própria criança), e o conflito entre as formas gráficas que é o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica (conflito entre exigência interna e uma realidade exterior própria do sujeito). (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.214).

Esses conflitos entre hipótese silábica e as formas fixas recebidas do meio ambiente são evidentes, no caso do próprio nome, e o conflito entre a hipótese silábica e a exigência de caracteres torna mais evidente quando se trata da escrita dos nomes para qual a criança não tem uma imagem visual estável. O que se conclui nesse nível e que a criança se aproxima de uma análise de fonema a fonema, percebe que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras. Sobre essa passagem as autoras fazem indicação de que algumas negativas em escrever, podem ser atribuídas às dificuldades próprias a este nível de transição.

Nível V - Alfabética: A Escrita Alfabética, nesta fase a criança alcança o último estágio, aqui ela já domina a escrita, compreende o valor sonoro de todas ou quase todas as letras, agora ele segue com o desafio de dominar a ortografia.

Constitui o final da evolução ao chegar neste nível a criança já fraqueou a “barreira do código” a criança agora desenvolve uma análise fonética, compreende agora que cada caractere da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. Isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas; a partir desse momento a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia mas não terá problemas na escrita desafios próprios da ortografia, mas não terão problemas de escrita, no sentido restrito. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 213).

E tendo como ponto de partida a pesquisa de Ferreiro e Teberosky, constata-se que a pesquisa das autoras não é um método, mas um diagnóstico que colabora para que o professor planeje suas aulas e, ainda, ressaltamos baseados nessa concepção teórica que nenhum método é eficaz se o professor não tiver apto a desenvolver uma boa prática pedagógica. Cabe, ao professor, ancorado nos estudos da psicogênese, saber detectar em qual destes níveis o educando se encontra, para, posteriormente, utilizar tais informações como norteadoras de sua prática educacional. A alfabetização deve ser uma atividade construtiva e criativa, evoluindo-se para a construção de um

conhecimento significativo, despertando a criticidade do aluno. As práticas sociais do uso da escrita como constructo cultural exigem novas posturas, pois a leitura e a escrita são processos inversos, mas complementares, pois, o ensino da gramática e da ortografia só tem sentido quando fundamentada como instrumento da produção de escrita, visto que o sujeito só constrói conhecimento em interação com o objeto, e deve ser valorizada em toda trajetória da vida escolar.

## 5. O “ERRO” COMO UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Conforme citado por Luna e Silva para Ferreiro e Teberosky (1999) em relação aos níveis de escrita ostentam algumas hipóteses cogitadas pelas crianças, no qual podem emergir alguns exemplos de erros construtivos, tais erros estavam integrados em um processo gradativo de compreensão do sistema de escrita, em que as crianças ao percorrerem estruturam seus pensamentos de forma a dominarem este sistema.

E por meio do erro do aluno, que o educador vai identificar o que o aluno já sabe e o que poderá vir a saber sobre o conteúdo em estudo e reconstruir o conhecimento a partir dele. (VILLAS, 2002, p. 01 apud LUCKESI, 2002).

As crianças mesmo antes de aprenderem a ler já possuem conhecimentos do mundo letrado, pois estão em constante contato com inúmeras formas de escritas, visual, gráfica, sonora, assim ao chegar ao ambiente escolar ela já formula hipóteses sobre o que sejam os sinais que visualizaram através de propagandas, rótulos, revistas, jornais etc. possui critérios aos quais elas se baseiam sobre uma marca gráfica se pode ou não ser lida, ou fazer distinção entre figuras e escritos, uma exigência de “quantidade mínima de caracteres”; e o de exigir uma “variedade de letras”. Segundo estudiosos

Há crianças que chegam á escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através das possibilidades de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 1999, p. 23).

Assim sendo cabe ao profissional da educação refletir que o erro deve ser tratado como parte do aprendizado, onde se pode averiguar o que os alunos já sabem e o ainda precisam aprender. Demonstrar uma atitude negativa sobre ato de escrever “errado” poderá acarretar para a criança fatores que propiciarão transtornos que podem gerar baixa-estima, desinteresse, além de transtornos emocionais, que acarretarão pontos negativos para o seu processo de aprendizagem. Logo se torna imprescindível que o

erro deva ser considerado, assim como na concepção Piagetiana como fonte de aprendizagem, viabilizando caminhos, descobertas e desafios que estimulará o prazer do saber e do fazer, que são essenciais no processo de alfabetização e letramento.

A partir da reflexão sobre o “erro” pelo próprio aluno ele poderá superá-lo com benefícios que serão significativos para o seu crescimento, pois foi o erro elaborado e consciente que possibilitou a ele oportunidade de revisão e avanço em seu processo de aprendizagem”. Nesse sentido

No caso da solução bem ou mal sucedida de uma busca, seja ela de investigação científica ou de solução prática de alguma necessidade, o não-sucesso é, em primeiro lugar, um indicador de que ainda não se chegou a solução necessária, e, em segundo lugar, a indicação de um modo de como não se resolver essa determinada necessidade. o fato de não se chegar à solução bem-sucedida indica, no caso, o trampolim para um novo salto”. (VILLAS, 2002, p. 9 apud LUCKESI, 2001, p. 35)

Por muito tempo o erro foi considerado como fracasso do aluno, mas é notório que diante das novas práticas pedagógicas o erro das crianças não pode ser desprezado, pois é um reflexo da construção do conhecimento.

## 6. RESULTADOS E DSCUSSÕES

a canoa coisifica a respiração da madeira  
Silva Freire, (alimento do aviso)  
Águas de visitação, Cuiabá/MT, 1999.

A epígrafe elucida a breve análise apresentada aqui neste estudo de caso, foi realizada junto a uma professora alfabetizadora, que representa a madeira, atuante em sala de aula há mais de dezoito anos, na canoa do fazer pedagógico, sendo quatorze na educação infantil e quatro nos anos iniciais do ensino fundamental. Há três anos na EMEB Silva Freire, sendo atual coordenadora pedagógica com experiência nas duas etapas da educação: na Educação Infantil e no Ensino Fundamental (anos iniciais). A entrevista foi realizada por meio de questionário semi-estruturado via e-mail. A escola EMEB Silva Freire localiza-se no bairro Itapajé e atende aproximadamente 300 crianças com faixa etária entre quatro e oito anos, oriundas dos bairros Itapajé, Residencial Coxipó, Getúlio Vargas e mais recentemente, o Residencial Santa Terezinha. A escola recebe o nome de um importante poeta matogrossense – Benedito Sant’Ana da Silva Freire, também conhecido pelo apelido de Bugrinho por todos da comunidade escolar.

A história de vida e as obras do poeta aliada aos conteúdos curriculares presentes nos documentos oficiais do MEC têm direcionado todo o trabalho educativo da instituição.

A escola possui uma estrutura administrativa que tem como órgãos máximos uma Equipe Gestora, composta por um diretor, uma coordenadora e uma secretária e, ainda, um Conselho Escolar Comunitário – CEC–, conforme referido no Projeto Político Pedagógico da instituição. O ano anterior (2014) ao início do exercício investigativo em 2015, a Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá deu início a uma reforma na estrutura física da escola. Nos anos letivos 2015-2017, a escola estava organizada em etapas de ensino, a saber: Educação Infantil (4-5 anos); e Ensino Fundamental I (6-8 anos) que compreende o 1º Ciclo da Educação Básica.

O Projeto Político Pedagógico da EMEB Silva Freire foi reelaborado em 2014/2016 e aprovado pelo Conselho Municipal de Educação no ano de 2016. O documento visa atender ao que estabelece a Resolução Conselho Municipal de Educação de Cuiabá, de maneira democrática e coletiva buscando dar voz a todos os segmentos da unidade: equipe gestora, profissionais, professores, pais e alunos. O documento é caracterizado como uma diretriz, um instrumento teórico e metodológico que orienta todas as ações dentro da unidade escolar, por meio de propostas pedagógicas, atitudes e compartilhamento de saberes particulares dessa comunidade.

Projeto em parceria com a UFMT - É uma parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso nomeada de *Silva Freire pra gente Graúda* com o objetivo de aprimorar as práticas pedagógicas adotadas, a parceria se concretiza em três ações:

Recebimento em sala de aula dos acadêmicos de Psicologia do Estágio Básico que atuam em observação e aplicação de atividades práticas socioeducativas, articulando demandas das crianças e professores advindos das observações com o Projeto de Trabalho Pedagógico da unidade, fortalecendo o trabalho com a narrativa. • Integração dos acadêmicos de Psicologia do Estágio Supervisionado Específico com a Gestão Pedagógica articulando a formação dos professores com vistas a fortalecer as políticas pedagógicas adotadas pela Unidade Educativa. • Participação dos professores com o grupo GPPIN/UFMT em parceria com a SME, com estudos sobre a formação de professores em serviço e sobre o potencial da narrativa como ferramenta pedagógica, o que tem fortalecido o Projeto de Trabalho Pedagógico (PPP EMEB SILVA FREIRE, 2016, p. 27-28)

A escola também mantém parceria com a Casa Silva Freire que tem por finalidade preservar e disseminar a obra literária do poeta patrono da escola, a parceria tem se concretizado com ações de formação para os profissionais na ampliação do repertório cultural dos mesmos, como mecanismo de formação pessoal e profissional (PPP EMEB SILVA FREIRE, 2016, p. 27-28).



No item 4.2.2 do PPP - Concepção de Ensino: aborda como será organizado o processo de apropriação do sistema escrita notacional.

O processo ensino e aprendizagem para e pela criança será organizado por meio de Projetos de Trabalho Pedagógicos que conduzirão a apropriação dos conhecimentos por meio da leitura e interpretação de mundo para que possamos reinventá-lo sempre. (PPP EMEB SILVA FREIRE, 2016, P. 17)

## 6.1. Análise da entrevista com a coordenadora da EMEB Silva Freire

Etapa 1 - Processo de apropriação da escrita e aprendizagem na educação infantil segundo a experiência da EMEB Silva Freire.

A partir da entrevista com a coordenadora, percebeu-se a preocupação dela com a aprendizagem da escrita e da leitura na Educação Infantil, pois quando perguntado - **1.**

**Como ocorre o processo de apropriação da escrita e da leitura na EMEB Silva Freire e quais são as etapas desse processo?**

Pensamos num processo onde a escrita parte da criança. Como assim? A partir de suas curiosidades. Exemplo: uma criança quer aprender sobre borboletas. A partir daí vou em busca de assuntos relacionados a borboleta: textos, histórias, atividades e começamos um trabalho junto com a criança. Enfatizo que a escuta é primordial nesses momentos, pois se não compreendo essa escuta não conseguiria trazer o assunto de interesse deles para a aula. Já que pensamos em um processo de alfabetização com sentido e significado para nossas crianças. Os momentos de histórias, **escrita coletiva** também são muito importantes para esse momento.

De acordo com a professora compreende-se que o processo de aprendizagem deve partir do interesse do aluno, deve-se buscar o conteúdo da aula em concordância com o interesse do aluno em relação à temática, deixando evidente também a importância da contação de história e da interação entre os alunos ao desenvolverem atividades envolvendo a escrita. Nesse sentido, Ferreiro afirma que “nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem” (2000, p. 31). Constata-se também que a resposta da professora entra em consonância com o PPP da instituição no que concerne às concepções de ensino, currículo e avaliação, respectivamente, é

[...] Globalizado... participativo...que prime pela valorização da experiência vivida. (Fala dos participantes nas reuniões de estudo para elaboração do PPP EMEB Silva Freire (PPP EMEB SILVA FREIRE, 2016, p. 21).

[...] concebemos a educação como processo de conhecimento pelas crianças e suas infâncias no plural, que sustenta a autonomia como capacidade de gerir suas ações e dirigir-se ao bem comum com ética e responsabilidade para com o outro, tendo a história como possibilidade de reinvenção cotidiana do mundo e a escola como espaço privilegiado para a convivência e vivências que possibilitarão a reinvenção do mundo num processo e prática que se

concretizam nas relações sociais que transcendem o espaço e o tempo escolar (PPP EMEB SILVA FREIRE, 2016, p. 16. grifo nosso).

Evidenciou-se assim a importância da aprendizagem partir do interesse do aluno, pois assim alcançará a aprendizagem significativa, o envolvendo em sua totalidade.

A segunda pergunta destinada a coordenadora foi referente à - **2. Como ocorre o processo de apropriação da escrita e da leitura na Educação Infantil?**

Partimos sempre de um texto, seja ele uma parlenda, música, história. O mundo da escrita está bem presente na sala de aula. E momento da escuta também. Quando as crianças estão aprendendo aquilo que seja de interesse deles a participação é bem melhor.

A sua resposta veio em complemento da primeira questão onde ela reafirma a importância da escuta e de contextualizar o que é de interesse dos alunos. Com base nos dados obtidos, constata-se que para despertar o interesse do aluno devem-se levar ao seu alcance diferentes tipos de gêneros textuais, para assim mostrar a amplitude do mundo letrado. Ainda sobre essa fase da aprendizagem da escrita perguntamos a ela - **3. Quais atividades são desenvolvidas na escola para tornar a escrita e a leitura mais significativa para o aluno?**

Primeiro que as atividades precisam estar inseridas no mundo deles, ou seja, atividades que eles possam comentar, falar, colocar o ponto de vista deles. Atividades com jogos, brincadeiras, desenhos, a escrita pessoal de cada um. Leitura coletiva com cartazes, produção de texto coletivo são atividades que eles gostam de fazer.

A resposta condiz com os escritos de Villas “[...] O aprendizado escolar precisa estar voltado a despertar o interesse do aluno, sua curiosidade, seu espírito de investigação e seu desenvolvimento da capacidade para resolver problemas cotidianos.” (2002).

Acrescentamos que a aprendizagem da leitura e da escrita nem sempre acontecem de forma espontânea, exige que o professor se atente em relação a que atividade desenvolver em sala de aula e qual metodologia utilizarem para tornar o aprendizado satisfatório e prazeroso. A aprendizagem deve ser considerada pelo professor e deve estar incorporada as estratégias que façam sentido para os alunos com a finalidade de melhorar a qualidade de ensino e de ingresso no mundo letrado para que a criança seja capaz de atribuir significados as coisas do mundo e de seu contexto.

Etapa 2 - Considerando o processo de apropriação da escrita e da leitura e da aprendizagem, como se dá a transição entre as etapas da educação infantil e dos anos iniciais.

Nesta etapa da entrevista trazemos questionamentos referentes à - **4. Como ocorre o processo de transição entre as etapas da Educação Infantil para os Anos Iniciais, no que se refere, ao ensino da escrita e da leitura?**

A transição da criança da Educação Infantil para o 1º ano não pode ser considerada como uma finalização de uma etapa e início de outra. Esse processo deve se dar de forma contínua, é preciso haver um diálogo entre as etapas até porque para a criança não existe uma fragmentação entre Educação Infantil e Ensino Fundamental. Acredito que assim eles começam a se familiarizar mais com o início da alfabetização e quando começam o próximo ano, não estarão partindo de um mundo novo que ainda não tinha sido apresentado a eles.

Percebe-se a partir desse relato que esse processo ocorre de forma construtiva e criativa e por meio da interação social permitindo que a criança construa novos conhecimentos, a partir de conhecimentos adquiridos na educação infantil e que vão se fundamentando nos anos iniciais e requer qualificação de quem ensina. Nessa mesma questão obtivemos a resposta da questão subsequente. A última pergunta dessa etapa - **6. Como ela acredita que o professor pode mediar esse período de transição?**

Primeiro ele precisa ter consciência de que é um processo contínuo e não fragmentado, precisa estar aberto a ouvir as crianças, motivar elas ao mundo da leitura e compreender a necessidade de uma integração entre o brincar e o letramento nas práticas pedagógicas da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

O que nos remeteu ao seguinte entendimento que alfabetizar envolve comprometimento dos educadores, que estes estejam envolvidos com as praticas sociais, apoiando iniciativas dos alunos, instigando-os a partir de suas próprias experiências na trajetória de se apropriar da leitura. Pois segundo Ferreiro “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária.” (1999, p. 47).

Etapa 3 - No que se refere ao processo de alfabetização e letramento, quais aspectos positivos e ou negativos você destacaria.

Nesta última categoria elencamos perguntas relacionadas à alfabetização e letramento, sobre as metodologias, avaliação, desafios enfrentados pelo professor dentre outras questões pertinentes ao tema proposto. A primeira pergunta dessa etapa foi - **7. Como ocorre o processo de alfabetização e de letramento na EMEB Silva Freire.** A Coordenadora nos relatou que na instituição eles

Pensamos num processo de alfabetização com sentido e significado e isso se dá através de um processo discursivo, onde as crianças podem falar, nós ouvimos e a partir disso buscamos os conteúdos que fazem sentido para ela.

O processo de alfabetização se dá numa via de mão dupla onde a criança também ensina e o professor não é o centro de tudo. Através das discussões, da fala das crianças, de suas curiosidades a alfabetização vai se dando de forma natural, sem medos. É claro que nem todas as crianças fluem juntas, cada uma a seu tempo, até porque cada um aprende de um jeito, mas o mais importante é esse processo ter um sentido para elas.

Ao analisar a fala da coordenadora constatamos que sua resposta vem dialogar de encontro a concepção de letramento de Magda Soares citada no PNAIC (2012, p. 9) “A prática Alfabetizadora deve, portanto se inserir em situações reais e significativas de uso da leitura e da escrita, possibilitando leituras da realidade e compreensão, por parte das crianças.” Compreendemos dessa forma que deve-se propiciar ao aluno situações de aprendizagem que faça sentido para elas, que venha a elaborar seus próprios conhecimentos partindo de suas curiosidades estimulando-os para que desperte a curiosidade de aprender cada vez mais sobre o mundo letrado.

O ato de ensinar envolve criatividade, constante reflexões, mudanças com intuito de se mediar o conhecimento de forma significativa, assim sendo perguntamos a ela- **8. Quais metodologias são utilizadas e que tipo de atividades são desenvolvidas?** Ela discursou que trabalha com

Atividades que envolvem um processo lúdico como jogos, brincadeiras, leitura de textos, histórias, produção de texto coletivo, produção de texto individual, rodas de conversa, escritas espontâneas, músicas. No nosso processo o aluno é o protagonista do ensino.

Contextualizamos a sua resposta com o pensamento de Ferreiro e Teberosky (1984) “é interagindo com a escrita, contemplando seus usos e funções, que as crianças se apropriariam da escrita alfabética, e não a partir da leitura de textos forjados como os presentes em diferentes cartilhas de alfabetização.”

Sabemos que avaliação tem propósito de identificar o que o aluno já assimilou e o que ainda não aprendeu e que ajuda nortear o trabalho do professor, assim perguntamos - **9. Os professores da EMEB Silva Freire utilizam algum tipo de avaliação ou estratégia diagnóstica para identificar as dificuldades na escrita e na leitura?** A sua resposta foi positiva ao afirmar que

Sim, usamos o diagnóstico da psicogênese onde se identificam o nível da escrita e alguns realizam também algumas atividades de escrita para identificar as dificuldades.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999) “a criança passa por cinco níveis que levam o aprendiz a se tornar alfabético.” Percebe-se, deste modo que na EMEB Silva Freire se baseiam na psicogênese da língua escrita, para identificar qual nível à criança

se encontra dessa forma constatamos a importância de conhecer essas etapas, e de sua contribuição no processo de ensino aprendizagem. Essa fala concebe o diagnóstico psicogenético como uma possibilidade de analisar as produções escritas respeitando as autoras em sua descoberta.

Quando se pensa em alfabetização torna-se pertinente saber - **10. Qual o papel do professor no processo de alfabetização e letramento?**

o professor é o mediador do processo, não é detentor de todo o saber. É importante o professor motivar o aluno, incentivar o gosto pela leitura e fazer despertar no aluno a sua própria aprendizagem, tomando consciência que podem transformar e construir. No processo de ensino existe a troca, o diálogo e isso enriquecem o saber. As crianças têm muito a ensinar também.

Conforme Ferreira descreve “Através das interações adulto-adulto, adulto-criança e criança-criança, criam-se as condições para a inteligibilidade dos símbolos” (1992, p. 59). Percebemos que a coordenadora não tem uma visão tradicionalista, pois não se vê como detentora do saber, mas sim como mediadora do conhecimento, assim sendo percebe-se que o papel do professor é dar base para a aprendizagem. Em relação à questão - **11. Quais os maiores desafios que o professor enfrenta no ensino aprendizagem da escrita e da leitura nos Anos Iniciais?** A última pergunta desta entrevista, a coordenadora respondeu que um dos maiores desafios é ter

maior participação da família no processo, pois essa participação estimula o desenvolvimento cognitivo da criança, que entendam o processo de alfabetização, pois muitas famílias não conhecem o processo e cobram da criança, do professor. Sabemos que cada criança aprende a seu tempo, porém muitos pais não entendem isso. Destacando também, a importância da Educação Infantil como base para o processo da alfabetização, da leitura e da escrita. Segue relatando que Muitos veem a Educação Infantil como uma etapa onde só se brinca, mas é através das brincadeiras que preparamos o corpo para o início da alfabetização. E essa visão se dá até mesmo pelos professores. Desconstruir essa premissa e construir um conceito de que é a partir da Educação Infantil que tudo começa é um grande desafio.

Constatamos assim que apesar da escola ser fundamental no processo de alfabetização a participação da família tem muita importância, pois estimularia a criança a continuar no mesmo ritmo em casa, pois mesmo antes da criança entrar na escola a família é a primeira instituição onde a criança inicia sua formação, intelectual, física, motora, moral, ética etc. O pensamento da professora entra em consonância os pensamentos de Tiba (2002, p.190) conforme citado por Soares ao dizer que “Se a parceria entre família e escola se formar desde os primeiros passos da criança, todos terão muito a lucrar. A criança que estiver bem vai melhorar ainda mais, e aquela que tiver problemas receberá a ajuda tanto na escola quanto dos pais”.

Outro aspecto que foi também analisado que na Educação Infantil e no Ensino Fundamental a narrativa é a base para o processo de alfabetização, a coordenadora destaca a importância do brincar como parte do processo de aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho apresentou a compreensão de como se dá apropriação da escrita e da leitura no processo de alfabetização e letramento que nos proporcionou, um enriquecimento em nossos conhecimentos teóricos, para que assim possamos repensar a prática pedagógica e a tornar o processo de aprendizagem significativo e que não desconsidere os saberes/fazer do aluno. Na trajetória da revisão bibliográfica pertinente ao tema constatamos que a apropriação da escrita e da leitura no processo de alfabetização, vai além da teoria, está na junção da teoria e da prática, e esse conhecimento será valioso para nos amparar no processo de ensino aprendizagem.

Assim, nesta perspectiva é necessária a compreensão da importância de alfabetizar na idade certa, de se alfabetizar letrando e das várias possibilidades de ensinar, de como devemos ver e aproveitar os erros dos alunos como reflexões construtivas no seu processo de aprendizagem, nos remeteu a uma visão mais ampla das fases pelas quais a criança passa nesse processo e como é feita a transição da Educação Infantil para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Diante do exposto e da narrativa da coordenadora na entrevista, foi possível fazer essa reflexão de que Alfabetizar torna-se um enorme desafio, tanto para os educandos quanto para os educadores, e que esse processo na EMEB Silva Freire ocorre de forma significativa e partindo do interesse dos alunos e que isso só é possível, pelo comprometimento dos professores e gestores da instituição, auxiliadas pela parceria que mantem com a Universidade Federal de Mato Grosso e com a Casa Silva Freire que lhes oferece auxílio para que esse processo ocorra de forma narrativa e considere a criança na pluralidade.

Ensinar a ler e a escrever requer, por parte da escola e do corpo docente, um olhar crítico-reflexivo sobre o processo de ensino-aprendizagem. Abriu-nos o olhar para forma como devemos estar atentos aos saberes dos alunos, do nosso papel como mediadores do conhecimento, da importância de colocar o aluno como centro no processo de ensino aprendizagem, da importância do diálogo, do saber ouvir, do lúdico, e da participação ativa na família nesse processo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética: ano 01- Unidade 03.** Brasília, 2012. Disponível em: <[http://www.piraquara.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/uploadAddress/Unidade\\_03\\_Ano\\_01\\_\[3634\].pdf](http://www.piraquara.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/uploadAddress/Unidade_03_Ano_01_[3634].pdf)>. Acesso em: 11 de junho de 2020.

FERREIRO, E. Desenvolvimento da alfabetização: psicogênese. In: GOODMAN, Yetta M. (Org.). **Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas.** Tradução Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1995.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GOMES, A. P. E; PALHETA, B. S. C. P. **O ciclo de Alfabetização no ensino fundamental de nove anos: dificuldades e possibilidades na aprendizagem da leitura.** Universidade Rural da Amazônia, 2015. Disponível em: <[btda.ufra.edu.br/bitstream.Pdf](http://btda.ufra.edu.br/bitstream.Pdf)>. Acesso em: 28 de março de 2020.

LUNA, F. S, E; SILVA, R. A. **Psicogênese da língua escrita: O processo de ensino e aprendizagem de alfabetização no 1º ano do ensino fundamental.** Lins- SP. 2013. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56174.pdf>>. Acesso em: 28 de março de 2020.

MORAES, A. G. **Apropriação do sistema de escrita alfabética.** Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/apropriacao-do-sistema-de-escrita-alfabetica.>>. Acesso em: 15 de Maio de 2020.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de Alfabetização no Brasil.** Disponível em: [portal.mec.gov.br/EnsFund.pdf](http://portal.mec.gov.br/EnsFund.pdf), 2006. Acesso: 11/07/2020.

PLATAFORMA DO LETRAMENTO. **Resultados da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) de 2013 e 2014.** Disponível em: [www.plataformadoletramento.org.br](http://www.plataformadoletramento.org.br), 2016. Acesso em: 05/11/2020.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, abr. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 de junho de 2020.

SOARES, T. A. **A relação família-escola na construção de uma aprendizagem significativa da leitura e da escrita nos 1º e 2º anos do ensino fundamental.** Disponível em: <[https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc\\_03-2.pdf](https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_03-2.pdf)>. Acesso em 08 de novembro de 2020.

VILLAS, S. G. **A Construção da aprendizagem a partir do erro.** Pedagogia ao Pé da Letra, 2013. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/a-construcao-da-aprendizagem-a-partir-do-erro/>>. Acesso em: 27 de junho de 2020.

## ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO

Pesquisa: Apropriação da Escrita Inicial e os Desafios do Professor no Processo de Ensino Aprendizagem da EMEB Silva Freire.

Prezada Professora Flaviane Jacqueline Silva, coordenadora da EMEB Silva Freire:

Estou realizando uma pesquisa intitulada Apropriação da Escrita Inicial e os Desafios do Professor no Processo de Ensino Aprendizagem da EMEB Silva Freire. como requisito parcial da disciplina de TCC II – Projeto de Pesquisa do curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário de Várzea Grande– UNIVAG.

O objetivo da pesquisa é

Solicito a gentileza de responder o questionário que segue abaixo, que contém informações e perguntas, a partir de um questionário semi-estruturado com o intuito de coletar dados para refletir sobre a apropriação da leitura e escrita por crianças de 4 a 7 anos.

Agradecemos a sua colaboração.

Dados/Perfil

Nome: **Flaviane Jacqueline da Silva Souza** Sexo: **feminino** Idade: **38 anos**

Naturalidade: **Cuiabá** Formação: **Pedagogia** Função na Emeb: **coordenadora**

Tempo de atuação na escola: **3 anos** Tempo de atuação em sala de aula: na Educação Infantil- **14 anos** e nos Anos Iniciais **4 anos**.

Professora convido você, a pensar em uma criança que esteja vivenciando o processo de apropriação da escrita e da leitura na Educação Infantil e que irá passar pelo período de transição para os Anos Iniciais. Pois sabemos, que esse momento é de extrema importância para a mesma. A partir dessa situação, tenho algumas questões, que gostaria que fossem respondidas por você. Para que eu consiga melhor compreender como se dá esse processo de ensino e aprendizagem nessa faixa etária. Desde já, agradeço sua valiosa contribuição!

Atenciosamente: Rosa Maria de Albuquerque / Rosemeire Cristina da Silva



## Questionário

Etapa 1 - Processo de apropriação da escrita e aprendizagem na educação infantil, segundo a experiência da EMEB Silva Freire.

1. Como ocorre o processo de apropriação da escrita e da leitura na EMEB Silva Freire? Quais são as etapas desse processo?
2. Como ocorre o processo de apropriação da escrita e da leitura na Educação Infantil?
3. Quais atividades são desenvolvidas na escola para tornar a escrita e a leitura mais significativa para o aluno?

Etapa 2 - Considerando o processo de apropriação da escrita e da leitura, como se dá a transição entre as etapas da Educação Infantil e dos Anos Iniciais.

4. Como ocorre o processo de transição entre as etapas da Educação Infantil para os Anos Iniciais, no que se refere, ao ensino da escrita e da leitura?
5. Que tipo de atividades são desenvolvidas nesse período de transição, de uma etapa para outra?
6. Como você acredita que o professor pode mediar esse período de transição?

Etapa 3 - No que se refere ao processo de alfabetização e letramento, quais aspectos positivos e ou negativos você destacaria.

7. Como ocorre o processo de alfabetização e de letramento na EMEB Silva Freire?
8. Quais metodologias são utilizadas e que tipo de atividades são desenvolvidas?
9. Os professores utilizam algum tipo de avaliação ou estratégia diagnóstica para identificar as dificuldades na escrita e na leitura?
10. Qual o papel do professor no processo de alfabetização e letramento?
11. Quais os maiores desafios que o professor enfrenta no ensino aprendizagem da escrita e da leitura nos Anos Iniciais?